

**LEIA AINDA
NESTA EDIÇÃO****APROPUC protesta
contra decisão
do Consun**

*

**A solidariedade
à Fundação
Santo André**

JÚRI SIMULADO

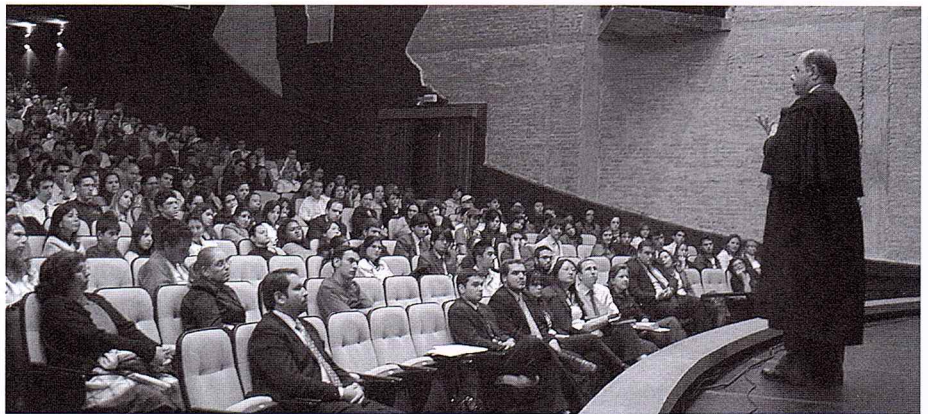
PUC-SP condena Erasmo Dias

Dando continuidade às atividades que rememoraram os 30 anos da invasão da PUC-SP, ocorreu na última quinta-feira, dia 4/10, o evento *Universidade e Ditadura. PUC: Cidadela da Resistência*. A organização ficou por conta do Núcleo Thesis de estudos, cultura, memória e mídia da PUC-SP e pela Escola Superior do Ministério Público Federal de São Paulo. Com o objetivo de não deixar que caia no esquecimento a trágica noite de 1977, a programação contou com palestras, homenagens, exposições e um júri simulado.

Durante o dia foram lembradas, em palestra ministrada pela professora Maria Aparecida de Aquino, pessoas e organizações que enfrentaram o regime militar. Além da homenagem prestada a grandes nomes do meio acadêmico e político que tiveram atuação relevante no combate à ditadura, como o professor Antônio Cândido e Hélio Bicudo.

No período da noite, um júri formado por jornalistas e professores da PUC-SP condenou o coronel Erasmo Dias por sua atuação na trágica noite de 22 de setembro de 1977.

Leia nas páginas internas a
cobertura do evento



JULIA CHEQUER

O promotor Roberto Tardelli faz a acusação do réu perante o público do Tuca

REFORMAS

Obras paralisam cursos na Monte Alegre

O Prédio Novo passará, entre os dias 12 e 20/10 por reformas em suas estruturas. O assessor da Vice-Reitoria Administrativa Paulo Palarissi informou ao *PUCviva* que deverá ser feito o escoramento de uma viga do 5.º andar que está “em balanço”, necessitando de um reforço. Segundo o professor, porém, este problema não afeta a estrutura central do prédio, que está preservada.

Nesse período serão feitas outras alterações no prédio, como a mudança do restaurante do 3.º para o 5.º andar. A Reitoria já anunciou que os cursos de Direito, Economia, Administração, Ciências Contábeis, Ciências Atuariais, Turis-

mo, Pedagogia, Secretariado Executivo e Artes do Corpo terão suas aulas suspensas. A Comfil também decidiu suspender as suas atividades. Na maioria destas unidades os funcionários devem trabalhar normalmente ou em esquema de plantão. Segundo o chefe de gabinete Guilherme Simões, não será necessária uma mudança no calendário acadêmico, pois as semanas letivas, mesmo com a paralisação, caberão no cronograma original.

Para o professor Paulo, alguns problemas como poeira e barulho devem ficar circunscritos a pequenos espaços do prédio e não deverão mudar a rotina dos funcionários.

Luta e conquista para democratizar o Brasil

Finalmente existe hoje não apenas um nível crescente de conscientização sobre os perigos e os danos provenientes do sistema de comunicação de massa, mas também uma crescente mobilização para questionar os oligopólios privados, o abuso da liberdade empresarial dos concessionários de rádio e televisão, a necessidade de compromissos democráticos com a sociedade e a compatibilização ética dos meios com os valores mais caros da nacionalidade.

A concessão dos serviços públicos de radiodifusão sempre serviu de moeda de troca entre governantes e setores das classes dominantes, entre o Estado e os caciques políticos regionais, entre os patrocinadores da exploração capitalista, os ideólogos e construtores do senso comum e os controladores da opinião pública. Todos os governos, até o presente momento, negociaram e toleraram esse faroeste eletrônico em troca de promoção e bajulação.

Pela primeira vez na história do Brasil, os movimentos sociais, centrais sindicais, entidades profissionais e o que existe de mais representativo nas classes trabalhadoras e setores populares, além dos partidos da esquerda não cooptada, articulam uma campanha ampla – com reuniões, debates e atos públicos em todo o País – para questionar as concessões da radiodifusão, alertar o conjunto da sociedade e exigir das autoridades o controle social do setor.

Há décadas que o debate sobre a democratização da comunicação passa pelos cursos mais críticos de Jornalismo, por alguns sindicatos de jornalistas profissionais, entre professores e pensadores independentes em relação ao capitalismo e pelos grupos mais engajados nas lutas contra os oligopólios do campo e da cidade. Várias iniciativas de mobilização não frutificaram por falta de consciência, de visão política e por temor e covardia diante das empresas de comunicação.

Agora, no entanto, a luta pegou, entrou na agenda de muita gente e deve prosseguir até que se conquiste alguma coisa, seja na regulamentação das outorgas e renovações das concessões, seja na descentralização e desmontagem das grandes redes, seja na redistribuição dos canais de rádio e televisão, seja na abertura de espaços para setores sociais marginalizados pelo sistema, seja na interferência direta da sociedade e dos poderes públicos para assegurar a diversidade e a qualidade da programação.

O que parece claro, a essa altura do campeonato, é que o poderoso sistema de comunicação está sendo questionado na sua própria natureza, e entrou no foco das preocupações nacionais. Faz sentido que isso aconteça, pois o Brasil só vai chegar à democracia plena, universal, sem restrições e exclusões, no momento em que conquistar a democracia no sistema de comunicação social. A luta continua. Só não participa quem não quer.

Hamilton Octavio de Souza,
Diretor da Apropuc.



Gonzalo Huaranca Mamani, ao lado de seus companheiros, durante sua exposição

JULIA CHEQUER

EVENTO

Militantes bolivianos vêm à PUC-SP debater seu país

No dia 2/10 ocorreu na PUC-SP o evento *Seminários de nuestra América*, organizado pelo Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (NEILS) e pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais. Os debatedores eram integrantes de partidos políticos e de movimentos populares bolivianos que vieram falar sobre a atual conjuntura política de seu país.

O primeiro a falar foi Juan Carlos Huanca Apaza, que fez um breve relato histórico sobre as condições de exploração marginalidade a que sempre foram relegados os indígenas - ampla maioria da população - na Bolívia. "Nunca houve democracia em nosso país, pois os indígenas nunca tiveram suas vozes ouvidas", afirmou ele.

Em seguida falou Gonzalo Huaranca Mamani, mos-
trando a importância políti-

ca, social e histórica que teve a eleição de Evo Morales para a presidência da Bolívia. Entretanto, ressaltou que "a luta não se encerra com a eleição de Evo. Ela se mantém de pé. Ainda temos um longo caminho a percorrer na construção de um novo e vigoroso nacionalismo indígena".

Mamani afirmou que esse nacionalismo deve reconhecer e respeitar a diversidade das 36 nações indígenas existentes em território boliviano. Integrante do MAS, mesmo partido do presidente, ele fez questão de destacar o seguinte aspecto: "Muitos nos acusam de reformistas, de que não somos socialistas de verdade. Mas o nome do partido é claro, movimento ao socialismo, ainda não chegamos lá. Mesmo porque Evo é momentâneo, e temos de pensar no que virá depois".

PUCViva

Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Cardoso de Almeida 990 - Sala CA 02 - Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8004 - **Correio**

Eletrônico: pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Editor: Valdir Mengardo

Sub-editor: Leandro Divera

Reportagem: Jaqueline Nikiforos e Filippo Cecilio

Fotografia: Fábio Nassif e Julia Chequer

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração: Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

Júri Simulado lota o Tuca

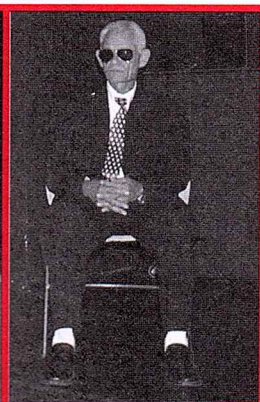
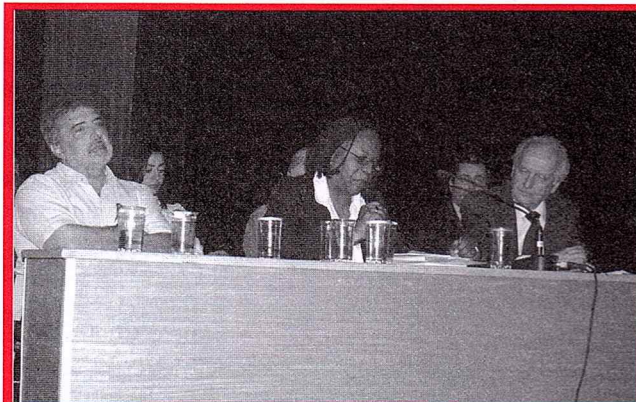
Somente após três décadas o coronel Erasmo Dias recebeu o devido julgamento por seus atos como secretário de segurança, durante o regime militar. Entre professores e estudantes, cerca de 800 pessoas lotaram o Tuca, marco da sempre presente resistência estudantil e, no dia 4/10, tribunal que sediou o Júri Simulado *Invasão da PUC – o julgamento 30 anos depois*.

Como presidente do júri estava o professor da Faculdade de Direito Christiano Jorge dos Santos – ironicamente, também voluntário responsável pelo interrogatório dos estudantes apontados no processo sindicante sobre a realização de uma manifestação, que ocorreu em frente ao Tuca, em agosto de 2006. Além dele, compuseram a tribuna os professores Roberto Tardelli e Oscar Vilhena, respectivamente promotor de justiça e advogado de defesa. Os jurados foram Eric Gramstrup, Dirceu de Mello, Mauro Ajona, José Arbex, Eunice Jesus Prudente, Lilian Christofotti e Walmir Salaro.

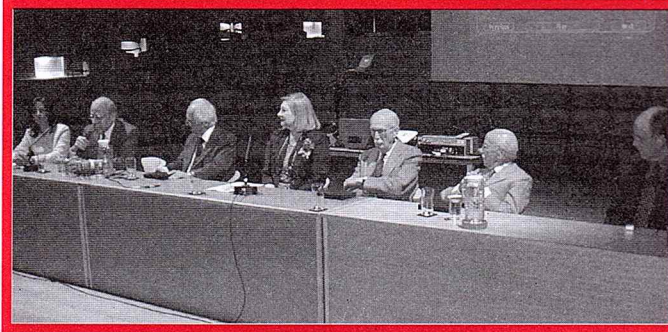
Aberta a sessão pelo presidente do júri, o primeiro a ter a palavra foi Henrique Pacheco, testemunha que, na época, era diretor do CA 22 de Agosto. Henrique lembrou do “tratamento especial” dado aos líderes estudantis. Estes foram levados para as antigas dependências do Dops onde, após permanecerem toda a madrugada num porão, foram colocados como alvo de tiro dos soldados que, de segundo em segundo, apontavam as armas carregadas para suas cabeças. Depois do relato da testemunha, acusação e defesa fizeram seus discursos, passando logo após para os jurados que, diferentemente do que seria num julgamento real, puderam justificar seus votos.

PUC comunista com orgulho

“Só existem mais dois comunistas no mundo: Niemeyer e Fidel”. A



JULIA CHEQUER



Acima (esq), o corpo de jurados, formado pelos professores José Arbex Jr., Eunice Jesus Prudente e Dirceu de Mello; ao lado o funcionário José Nazário que incorporou a figura de Erasmo Dias; abaixo a mesa com os homenageados do dia, destacando-se a presença de Antonio Candido e Hélio Bicudo (à esquerda da reitora Maura Veras)

frase dita em tom de brincadeira pelo promotor de justiça Roberto Tardelli foi o pano de fundo da justificativa de voto do jurado José Arbex, professor do Departamento de Jornalismo da PUC-SP e editor especial da revista Caros Amigos. “Há milhões de comunistas no mundo. A PUC é uma universidade de comunistas e eu sou um deles”, pontuou Arbex, que também observou a perseguição aos estudantes praticada atualmente e que universidades ainda são invadidas pela polícia, como aconteceu com três delas só neste ano no estado de São Paulo. “Condeno Erasmo, Serra e todos aqueles que cerceiam a liberdade de expressão, como os que tentaram processar internamente estudantes da PUC-SP”.

Luta e resistência

Pela manhã, no Tucarena, o professor Adilson José Gonçalves, do Núcleo Thesis, destacou na cerimônia de abertura, que “a idéia aqui não é comemorar os 30 anos da invasão. Não temos o que comemorar, mas sim rememorar, de forma criteriosa, organizada e sistemática, o que ocorreu naquele dia”. Após o cerimonial de abertura, ocorreu

a palestra *Luta e resistência em tempos de ditadura*, com a professora Maria Aparecida de Aquino, da FFLCH-USP. A professora iniciou sua apresentação traçando um paralelo entre o período da ditadura militar e o atual estado da sociedade brasileira.

Após esse primeiro momento, ocorreu uma homenagem a personalidades dos meios acadêmico e político que resistiram à ditadura. Foram contemplados os professores Antônio Cândido, Hermínio Alberto Marques Porto (que não pôde estar presente por conta de uma indisposição e foi representado pelo Prof. Dirceu de Mello), o padre João Edênio Reis Valle, e Hélio Bicudo.

Antônio Cândido agradeceu dizendo que a homenagem “o tocou profundamente, sobretudo por vir da PUC-SP, a quem a luta pela igualdade e justiça muito deve”. Já Hélio Bicudo lamentou que nos dias de hoje a sociedade se volte contra os estudantes, e citou o caso da ocupação da USP em maio. “Eles estavam lutando por seus direitos. Parece que estamos cruzando os braços para a construção do estado democrático de direito, que ainda não temos”, disse.

Professores da Fundação Santo André enviam carta ao presidente Lula

“Nós, professores da Fafil (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras) do Centro Universitário Fundação Santo André, paralisamos as atividades acadêmicas, desde o dia 15 de setembro, para exigir a saída do reitor, Odair Bermelho.

Nossa atuação na Fundação Santo André, desde o último dia 15, tem se pautado pela realização de aulas públicas para nossos alunos.

Vossa Excelência deve ter acompanhado pela mídia as cenas de extrema violência a que os universitários da Fundação Santo André foram submetidos, na madrugada de 14 de setembro, pela Força Tática da Polícia Militar.

A PM, a pedido do reitor, invadiu o *campus* universitário, para reprimir os estudantes que protestavam contra o aumento de mensalidades.

Até mesmo um aluno que tem parte do braço direito amputado foi atingido pela repressão.

Vossa excelência conhece, inclusive, o aluno em questão. Trata-se do estudante de Geografia Manuel Boni, que aparece na foto de capa da Folha de São Paulo sendo espancado por policiais.

Mas não é de hoje que o reitor, Odair Bermelho, adota práticas autoritárias nesta instituição. Para Vossa Excelência ter uma idéia de como o reitor é arbitrário na gestão da Fundação Santo André, durante audiência pública na Câmara de Vereadores da cidade, ele afirmou que não nomeou a diretora eleita em consulta realizada pela comunidade acadêmica (professores, estudantes e funcionários) da Fafil, por não ter afinidade com ela. O reitor Odair Bermelho preferiu indicar outra professora para o cargo.

Este, no entanto, é apenas um singelo exemplo para dar mostra de como o reitor se comporta como um déspota absolutista. Em anexo encaminhamos um dossiê para que

Vossa Excelência tome conhecimento das arbitrariedades praticadas pela gestão de Odair Bermelho à frente da reitoria da Fundação Santo André.

Fundação pública

A Fundação Santo André, como é conhecido o centro universitário, é uma fundação pública de direito privado. Os prédios da universidade estão construídos sobre um terreno que pertence à Prefeitura de Santo André.

A Prefeitura possui, inclusive, quatro assentos no Conselho Diretor da instituição, que tem a atribuição de afastar o reitor do cargo.

Por isso, a Câmara de Vereadores de Santo André instalou uma Comissão de Assuntos Relevantes para investigar a gestão do reitor, Odair Bermelho. Os vereadores recomendaram ao Conselho Diretor o afastamento do reitor durante o processo de investigação.

O prefeito João Avamileno, no entanto, contrariando a decisão do Diretório Municipal do Partido dos Trabalhadores, afirma que pretende liberar a bancada da Prefeitura no Conselho Diretor, para a votação do afastamento do reitor Bermelho.

Por isso, gostaríamos de solicitar a intermediação de Vossa Excelência junto ao prefeito Avamileno, para que este recomende aos representantes da Prefeitura no Conselho Diretor, que votem pelo pedido de afastamento do reitor, Odair Bermelho.

Reiteramos que a única solução para o impasse é a saída de Odair Bermelho da reitoria”.

Assembléia dos professores da Fafil

O APOIO DA APROPUC

Responsáveis pela violência devem ser punidos

Na madrugada de 14/09/07, a Força Tática da Polícia Militar invadiu a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras do Centro Universitário Fundação Santo André, a mando do reitor Odair Bermelho, para desalojar os estudantes que protestavam contra o aumento das mensalidades.

A violência policial resultou em lesões físicas a inúmeros participantes do movimento estudantil. Violou a autonomia universitária.

A Fundação Santo André é uma fundação pública de direito privado. O terreno de sua construção pertence à Prefeitura de Santo André. Assim foi constituída com o objetivo de permitir acesso a estudantes trabalhadores. No entanto, o aumento constante das mensalidades reflete sua mercantilização.

O conflito entre os estudantes e a Reitoria ocorreu justamente por essa razão. A intervenção policial expressou o autoritarismo. É a velha resposta destinada a esmagar pela força o movimento social.

Frente a isso, os professores decidiram reivindicar a destituição do reitor Odair Bermelho. Redigiram uma carta ao Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, denunciando o reitor e a violência policial. Um abaixo-assinado de repúdio à atitude arbitrária

da reitoria, que usou sua posição para pedir a ocupação policial do *campus*, está sendo divulgado nos meios universitários e intelectuais.

A APROPUC – Associação dos Professores da PUC-SP – une-se a esta campanha. Chama professores, estudantes e funcionários a divulgarem o abaixo-assinado em seus locais e coletarem assinaturas.

Todo o apoio aos estudantes e professores da Fundação Santo André.

São Paulo, 1.º de outubro de 2007

Diretoria da APROPUC

Professores universitários redigiram um abaixo-assinado em apoio à luta dos docentes da Fundação Santo André, protestando também contra a violência policial de que foram vítimas professores e estudantes daquela instituição. O texto já conta com as assinaturas de diversos professores como Aziz Ab'Saber, Roberto Schwarz, Zilda Iokoi e Paulo Eduardo Arantes. Mais assinaturas podem ser enviadas para o endereço eletrônico apropuc@uol.com.br.

O que significa o Consun negar o recurso de Luiz Carlos de Campos

No dia 26/09/07, o Conselho Universitário julgou o recurso do professor Luiz Carlos de Campos que tinha por finalidade reverter a pena de repreensão emitida pela Comissão Processante. Sete Conselheiros votaram a favor da manutenção da sindicância, seis contra e sete se abstiveram.

Luiz Carlos de Campos, na condição de diretor do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, havia denunciado às instâncias superiores da universidade, por meio de um dossiê, os professores Sergio Bairon Blanco Sant'Ana e Luis Carlos Petry de terem falsificado dados do Currículo Lattes. Ao mesmo tempo, Luiz Carlos de Campos foi enquadrado em processo administrativo disciplinar.

A Comissão passou a ter dupla atribuição: a de investigar a acusação contra os professores Sergio Bairon Blanco Sant'Ana e Luis Carlos Petry e a acusação de quebra disciplinar contra Luiz Carlos de Campos. Resultado: ficou comprovado que as acusações do diretor do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia tinham fundamento. Ao mesmo tempo, a Comissão considerou que Luiz Carlos de Campos havia dado motivos para um processo administrativo disciplinar.

Esse histórico sucinto explica por que Luiz Carlos de Campos recorreu ao Conselho Universitário contra o resultado da Comissão Processante.

A APROPUC expôs nas páginas de seu jornal *PUCViva* todo o percurso dos acontecimentos. Estão registrados os pontos de vista e a polêmica suscitada. Os fatos e as discussões geradas tomaram caráter político. Logo se verificou que as atitudes das partes envolvidas - de um lado, o diretor do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, de outro, a Reitoria - inevitavelmente transformariam o caso de denúncia de fraude do Currículo Lattes em problema político. O resultado da votação do Conselho Universitário - basta ver os números da votação - expressou confronto político.

A diretoria da APROPUC não ficou isenta diante desse quadro. Primeiro, noticiou a existência da denúncia. Segundo, assumiu a polêmica. Terceiro, criticou a decisão da Comissão de transformar a investigação do diretor do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia em motivo de processo administrativo por quebra disciplinar, quando o diretor cumpria a função estatutária de gestor de uma unidade da universidade, encaminhava os fatos para a instância superior e pedia instauração de sindicância. Para isso, em todo o momento, apoiou-se nos fatos, teve o trabalho de juntar provas materiais. Caso assim não procedesse, poderia ser acusado de omissão e conivência. A APROPUC, por sua vez, tomou o cuidado de não se envolver em disputas políticas no seio da burocracia universitária.

Agora, com a decisão do Consun, estamos obrigados a ter um pronunciamento. Entendemos que caberia a esse órgão não aceitar que a Comissão cumprisse a função de transformar o acusador em acusado. A Comissão constituída teve por motivo o dossiê do Currículo Lattes. Deveria investigar e emitir um julgamento sobre a procedência ou não das acusações. Ao aceitar um processo contra o denunciante, comprometeu a lisura da decisão. A acusação contra Luiz Carlos de Campos deveria constar de um outro processo. A verdade do dossiê não poderia ser obscurecida com acusações de quebra disciplinar imputada ao denunciante.

O argumento de um dos Conselheiros de que o parecer do Consun contra o recurso de Luiz Carlos de Campos é um convite à omissão expõe completamente o problema. Pune-se o acusador que teve as acusações comprovadas; e livra-se os acusados de culpabilidade.

A diretoria da APROPUC rejeita essa decisão, política e moralmente, incorreta.

Diretoria da APROPUC

PROTESTO

Estudantes e movimentos sociais cobram transparência nas concessões de rádio e TV

Em atividade conjunta, os CAs Benedito Paixão (PUC-SP), Vladimir Herzog (Casper Líbero) e Lupe Cotrim (ECA-USP), organizaram a *Semana pelo controle popular das concessões públicas de rádio e TV*, que ocorreu entre os dias 1 e 5/10. O objetivo da comissão organizadora era promover o debate a respeito do mau uso que fazemos grandes veículos de comunicação brasileiros, das outorgas de concessão, inclusive cometendo ilegalidades.

Ao longo da semana foram exibidos filmes que mostram as relações promíscuas entre políticos e a mídia, debateu-

se a criminalização dos movimentos sociais na cobertura televisiva e a participação popular no controle das concessões públicas. Além disso, na sexta-feira, dia 5/10, foi realizado um ato público na Avenida Paulista para a celebração do *Dia Nacional de Mobilização por Transparência nas Concessões*.

Essa data foi escolhida por ser emblemática para os grupos que lutam pela democratização dos meios de comunicação. Nesse dia venceram as concessões de grandes grupos que controlam diversas emissoras de rádio e TV como Globo, Record e Bandei-

rantes. Os participantes protestaram contra as irregularidades legais e éticas cometidas por esses oligopólios da comunicação.

Além disso, denunciaram a troca de favores políticos que permeiam a relação da mídia com o poder. Apontaram também para a situação irregular em que se encontram a grande maioria das emissoras de rádio, algumas com suas concessões vencidas há 17 anos. Em todo o país outras entidades estudantis e sociais também se organizaram para defender as mesmas bandeiras.

Rola na rampa

Evento lembra Marx e a Revolução Russa

Neste mês, o Núcleo de Estudos de Ideologia e Lutas Sociais (Neils) realiza o ciclo de debates *Teoria e prática: 140 anos d'O Capital - 90 anos da Revolução Russa*. Celebrando os dois aniversários juntos, três debates abordarão aspectos da obra de Karl Marx, da luta de classes e das dinâmicas assumidas pelo sistema capitalista. O debate *A receptividade do pensamento de Marx na classe trabalhadora*, com Erson Martins, Paulo Barsotti e Vito Letizia, abre o ciclo em 29/10. No dia

30/10, Lúcio Flávio de Almeida, Marcos Del Roio e Valério Arcary, debatem *A revolução contra O Capital*. E no dia 31/10, o debate *Dinheiro, dominância financeira e o imperialismo* fecha o ciclo, contando com a presença de João Machado, Jorge Alano Garagorry, Pedro Arruda e Rosa Marques. Todos os encontros acontecem no Museu da Cultura, às 19h. Durante o evento, a APRO-PUC lança um número especial da revista *PUCviva* com artigos que debaterão a Revolução Russa.

Ciclo homenageia pesquisador africano

Em homenagem ao historiador Joseph Ki-Zerbo, quatro instituições promovem, entre os dias 15 e 17/10, o colóquio *História e historiadores da África*. O primeiro aniversário da morte do historiador, ocorrida em 2006, foi o ponto de partida para o evento, promovido pelo Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora (Cecafo) da PUCSP, pelo curso de História da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp/Guarulhos), pelo Centro de Estudos Africanos (CEA) da USP e pela Casa das Áfricas, com apoio do CNPq e da

Fundação de Apoio à Unifesp. O colóquio reunirá professores e pesquisadores de diferentes instituições e disciplinas, com mesas-redondas e conferências sobre temas expressos nas obras de Ki-Zerbo e que são de fundamental importância para a implementação, ampliação e divulgação dos estudos africanos no Brasil. As inscrições são gratuitas e poderão ser feitas pela página <http://dpdphp.epm.br/acad/siex/index.htm>. As atividades serão realizadas no Tuca, no Tucarena e no Teatro Adamastor Pimentas, em Guarulhos.

SPtrans tira ônibus da Cardoso de Almeida

A SPtransportes alterou o itinerário da linha 637H, Jardim Helga - Metrô Barra Funda para Jardim Helga - Pinheiros, impedindo que a empresa circule pelos bairros de Perdizes e Barra Funda, "em função das readaptações das linhas da zona sul e que envolve também o credenciamento de uma das cooperativas de transporte da região". Boa parte da comunidade puquiense utiliza-se dessa linha mas, segundo a SPtrans "A opção para os passageiros que desejam ir à região da rua Cardoso de Al-

meida é utilizar a linha 177P Butantã USP - Pedra Branca, que além de efetuar o trajeto dos pontos não mais atendidos pela 637H possui frota dimensionada para atender a demanda extra com intervalo de oito minutos no período da manhã e 15 minutos no período da tarde". Os moradores da região, que encontram os pontos lotados durante todo dia, estão fazendo um movimento para que o maior número de pessoas ligue para a SPtrans, telefone 0800-7710118, para trazer a linha de volta.

Colóquio de Fono e Educação na PUC-SP

O 1.º Colóquio de Fonoaudiologia, Educação e Psicopedagogia na PUC-SP reuniu professores e estudantes para debater a interlocução entre essas três áreas do conhecimento, no fim de setembro. Devido aos

bons resultados apresentados, a comissão organizadora, composta por ex-alunos, professores e estudantes da universidade já começa a se preparar para um próximo colóquio a ser realizado em 2008.



ALTAIR URBANO

18.º Encontro de ex-alunos reúne 500 pessoas

No dia 27/9, cerca de 500 ex-alunos se reencontraram no Tuca para comemorar os 61 anos da universidade. Organizado pelo Centro de Ex-alunos, o encontro homenageou as turmas de 1977, 1982, 1987, 1992,

1997 e 2002. O evento contou com uma apresentação do Cuca, o Coral da PUC-SP, além da exibição de um documentário elaborado pela TV PUC sobre os 61 anos de existência da universidade.



IVAN MARTIN

Porta da Reitoria no câmpus Monte Alegre, 10/11/2007

INVASÃO POLICIAL

CRESCE REPÚDIO À AÇÃO DA REITORIA

APROPUC e AFAPUC insistem na solução através do diálogo

A atitude da Reitoria de chamar a tropa de choque da PM para dentro da universidade continuou a repercutir negativamente. Professores, funcionários e estudantes da PUC-SP realizaram reuniões onde avaliaram a ação da Reitoria. Além disso, continuam chegando de todos os cantos do Brasil moções de repúdio ao ato. Nesta edição do *PUCViva* trazemos as repercussões da invasão. Para os professores, que se reuniram durante a semana, embora não faltassem críticas aos métodos usados pelos estudantes, foi veemente a condenação da ação da Reitoria. A entidade, no entanto, seguiu com sua linha de entendimento de que a única solução do atual impasse está no diálogo entre a Reitoria e os estudantes.

Entre os estudantes a invasão da PUC-SP pela tropa de choque da PM teve efeito inverso ao esperado pela Reitoria. A medida truculenta serviu para fortalecer e motivar ainda mais o movimento estudantil a lutar pela democracia puquiana. A primeira demonstração se deu no dia seguinte à invasão, quando estudan-

tes armaram uma vigília que permaneceu em frente ao prédio da Reitoria durante toda a semana. A movimentação pretendia ainda deixar claro que apesar do absurdo ocorrido na madrugada de 10 de novembro, a luta da comunidade da PUC-SP continuaria.

Na segunda-feira, 12/11, os estudantes realizaram uma nova assembléia em frente ao TUCA que contou com aproximadamente 1000 pessoas. O movimento ergueu uma nova bandeira que se tornou prioritária. Exige que a reitora, seus assessores e todos aqueles que apoiaram a invasão da tropa de choque na PUC-SP sejam banidos da universidade.

Uma das medidas aprovadas na assembléia foi a paralisação das atividades acadêmicas nos dias 13 e 14/11. A iniciativa contou com relativo sucesso, com aulas públicas e debates sendo realizados em diversos espaços da PUC-SP, todos com os mesmos te-

mas: redesenho e invasão da PM.

Passeata até a Cúria

Na noite do dia 13/11 os estudantes realizaram um ato significativo. Cerca de 500 pessoas saíram em marcha da PUC-SP até a Cúria Metropolitana na avenida Higienópolis. Lá chegando, colaram cartazes em toda a fachada do prédio, bem como protestaram contra a intervenção da Cúria nos assuntos universitários que

CONTINUA NAS PÁGINAS INTERNAS

PUCViva

Os professores e o futuro da PUC

O momento da PUC-SP exige uma tomada de posição e a escolha de caminhos:

1 - O "redesenho" institucional deve ser imposto a ferro e fogo, contra a vontade de um ou outro segmento e apesar da apatia e do desinteresse, ou deve ser construído no debate e no mais amplo consenso possível com a contribuição participativa e consciente da maioria?

2 - A mudança da atual estrutura por uma outra mais ágil e menos onerosa implica necessariamente num processo autoritário e excludente, que precise usar a força e a truculência, ou pode ser feita por métodos democráticos que preservem e fortaleçam as relações internas entre professores, estudantes e funcionários?

3 - A nova estrutura da Universidade precisa ser obrigatoriamente centralizadora, verticalizada, elitista, com restrições aos professores e com pouca participação dos estudantes, ou deve ser uma estrutura mais horizontal, mais democrática, voltada para a melhoria das atividades acadêmicas e com expressiva representação estudantil?

4 - A universidade que queremos deve funcionar como uma empresa capitalista centrada na produtividade e no lucro, voltada exclusivamente para o mercado, ou deve buscar a sua sustentabilidade fortalecendo o conhecimento, a liberdade de expressão e de ensino, a autonomia acadêmica, os espaços democráticos e os compromissos com as transformações sociais?

5 - A resistência dos estudantes e o acúmulo de reivindicações e de reclamações não têm a ver com os projetos de mercantilização do

ensino superior no Brasil, o sucateamento da educação, a direitização das universidades, o estreitamento dos espaços democráticos dentro da PUC-SP e com a falta de diálogo entre gestores (coordenadores de cursos, chefes de departamentos, diretores de faculdades e Reitoria) e o movimento estudantil?

6 - A forma de agir dos estudantes da PUC-SP deveria ser diferente dos estudantes de dezenas de universidades brasileiras que tiveram suas instalações ocupadas em sinal de protesto, às vezes por mais de 30 dias, já que essas instituições – públicas e privadas – programam reformas estruturais que representam cortes de professores e de funcionários e redução de investimentos no ensino e na pesquisa?

7 - Não é papel profissional, institucional e vocacional de professores entenderem a insatisfação e a demanda estudantil e atuarem pedagogicamente como educadores para fortalecer o processo democrático dentro da Universidade? Esse não é o caminho que enobrece e dá dignidade ao trabalho do professor? Por que os professores da PUC-SP não adotam uma postura ativa no sentido de abrir o diálogo com os estudantes, debater os problemas e reivindicações, atuar nos órgãos colegiados, fortalecer a entidade da categoria (Apropuc) e exigir um rumo para a Universidade que seja realmente a expressão de uma vigorosa democracia interna – construída no embate fraternal das idéias por professores, estudantes e funcionários?

8 - É impossível fazer isso? Por que não tentar fazer o impossível?

*Hamilton Octavio de Souza,
Diretor da Apropuc.*

PUCViva Publicação da Associação dos Professores da PUC-SP e da Associação dos Funcionários da PUC-SP.

Apropuc: Rua Bartira 407 - CEP: 05009-000 - Fone: 3872-2685.

Afapuc: Rua Cardoso de Almeida 990 - Sala CA 02 - Fone: 3670-8208.

PUCViva: 3670-8004 - **Correio Eletrônico:** pucviva.jornal@uol.com.br - **PUCViva na Internet:** www.apropucsp.org.br

As matérias assinadas não expressam necessariamente as posições das entidades e da redação.

Editor: Valdir Mengardo

Sub-editor: Leandro Divera

Reportagem: Jaqueline Nikiforos e Filippa Cecillo

Fotografia: Fábio Nassif e Julla Chequer

Projeto Gráfico, Edição de Arte e Editoração:

Valdir Mengardo e Ana Lúcia Guimarães

muito colaborou para a desconstrução da PUC-SP que se conhecia. Nenhum representante da Fundação São Paulo apareceu para dialogar com os estudantes.

Na quarta-feira, mesmo sendo véspera de um enorme feriado, o movimento não esmoreceu. Já era esperado um número menor de participantes, entretanto, os estudantes cumpriram sua pauta normalmente. No auditório 239 lotado, os estudantes realizaram uma plenária organizativa que reavivou as comissões que dividiam as tarefas no período da ocupação. Foi planejada também a organização de um plebiscito, que pretende consultar a comunidade da PUC-SP a respeito de duas

questões, a saída imediata da reitoria e todos seus apoiadores e a supressão do processo de redesenho. Além disso, os presentes debateram a atuação do movimento e os próximos passos a serem tomados.

Sumiço do carimbo

Uma das conseqüências de toda a movimentação da semana é a quase certeza de que a data final do redesenho deve mudar. Vários conselheiros já se mostraram publicamente favoráveis à idéia (veja matéria dos funcionários), além de ser um tema recorrente em várias reuniões de Conselhos Departamentais, como o da Comfil que, em decisão unânime, solicita também a consti-

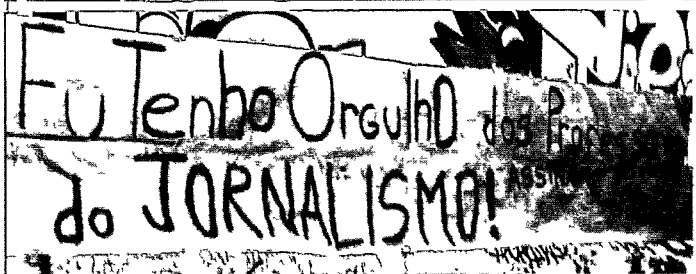
tuição de uma comissão que busque o diálogo com os estudantes.

A Reitoria, por sua vez, realizou uma série de reuniões com chefias acadêmicas para ouvir a opinião dos diversos gestores da universidade. Embora professores e funcionários acenem com a bandeira de nenhuma penalidade ao movimento estudantil, os reitores continuam firmes em suas convicções. O professor João Décio, vice-reitor comunitário, insistiu nessas reuniões que vai punir severamente os estudantes que levaram o seu carimbo pessoal.

Nesta semana um novo Consun deve voltar a discutir o redesenho e avaliar a situação da universidade.



FOTOS DE JULIA CHEQUER E MARCELA ROCHA



Acima (esquerda), estudantes em passeata dirigem-se à Curia Metropolitana; ao lado o "enterro" simbólico da democracia puquiana; abaixo (direita), uma das maiores assembléias já realizadas em frente ao Tuca; à esquerda, duas faixas: uma mostrava a condenação da APROPUC à invasão e outra um abaixo-assinado dos alunos de jornalismo manifestando o apoio à posição dos professores de jornalismo.

DE TODO O BRASIL E DO EXTERIOR

Por conta da invasão da tropa de choque da Polícia Militar à Reitoria da PUC-SP, a APROPUC lançou um manifesto intitulado “Chega de Violência”, que serve de base para um abaixo assinado repudiando a medida tomada pela reitora e seus assessores. Esse texto foi enviado a milhares de pessoas, dentre eles professores, sindicalistas, jornalistas, entre outros. Confira abaixo algumas das manifestações de apoio recebidas pela APROPUC:

Chega de violência na PUC-SP!

Nós, abaixo-assinados, queremos manifestar publicamente nosso repúdio à invasão do *campus* da PUC-SP pela tropa de choque da Polícia Militar, na madrugada do dia 10 de novembro de 2007, e à repressão armada ao movimento dos estudantes. O uso de força policial não tem nenhuma justificativa, nem mesmo diante da ocupação física e simbólica do prédio da Reitoria pelos estudantes. O caminho democrático para a re-

solução de todo conflito no âmbito da Universidade é o do diálogo, da negociação e do entendimento. A força dos argumentos não pode ser substituída pela força das armas. A Reitoria da PUC-SP deveria ter dado o exemplo. Da mesma forma, queremos manifestar nosso repúdio ao processo de ameaças e perseguições políticas contra estudantes, professores e funcionários. Não faz o menor sentido que a histórica Pontifícia Universidade Católica de São Pau-

lo, construída na defesa das liberdades democráticas, abrigue agora em seu *campus* políticas autoritárias impregnadas pelo ódio, a vingança e por retaliações pessoais. Chega de violência! Que a PUC-SP consiga restaurar o pacto interno em defesa de uma Universidade comunitária, democrática, livre, autônoma e comprometida com as transformações sociais.

Chega de violência! Chega de perseguição!

“Nós, professores da Fundação Santo André, manifestamos nosso repúdio à atitude arbitrária da Reitoria da PUC-SP, que chamou a Tropa de Choque da PM para expulsar de forma violenta, na madrugada de 10 de novembro, os estudantes que legitimamente a ocuparam em protesto contra o “redesenho institucional” atualmente em curso. Pouco mais de um mês e meio após relembrar os 30 anos da invasão pela polícia militar, comandada pelo coronel Erasmo Dias, novamente a PUC-SP é vítima da repressão. Mas enquanto em 1977 a reitora enfrentou e repudiou o ato ditatorial, agora, lamentavelmente, é a própria reitora, Maura Vêras, a responsável pela presença da PM no *campus* universitário. Nós, professores da Fundação Santo André, solidarizamos-nos com a luta dos estudantes e professores da PUC-SP, e repudiamos veementemente o apoio dado pelo reitor do Centro Universitário Fundação Santo André, Odair Bermejo, responsável por acionar duas

vezes a Tropa de Choque no *campus* da Fundação Santo André, à reitora da PUC-SP, Maura Vêras – apoio que reitera o caráter radicalmente antidemocrático de ambos. Repudiamos, também, a ameaça de expulsão de estudantes e demissão de professores que exercem seu legítimo direito de organização, manifestação e expressão. REPUDIAMOS A REPRESSÃO POLICIAL NA PUC-SP E DENUNCIAMOS A RESPONSABILIDADE DA REITORA MAURA VÉRAS.

FORA APM DO CAMPUS! NÃO À CRIMINALIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS! TODO APOIO À LUTA DOS ESTUDANTES E PROFESSORES! EM DEFESA DA AUTONOMIA E LIBERDADE UNIVERSITÁRIAS! CONTRA QUALQUER PUNIÇÃO AOS UNIVERSITÁRIOS E DOCENTES!”.

“Olá, sou estudante da FEA conservadora. Fico descontente com as várias manifestações da Reitoria contra os estudantes e contra a APRO-

PUC. Acho tudo mentiroso, porque a Reitoria se gaba de ser democrática e de realizar um processo democrático, quando na verdade existe apenas uma pseudo-democracia na qual alguns representantes são colocados nos burocráticos conselhos da universidade, nos quais poucos poderes têm. Na verdade, é um absurdo haver representação sem que haja várias correntes ideológicas e representativas para cada setor. O processo [de redesenho] não foi divulgado efetivamente, poucos sabem desse projeto, é tudo uma farça que será resolvida novamente às escondidas, no fim do ano letivo, quando só alguns estarão frequentando a universidade”. *Roberto Seracinskis*

“Quando não conseguem convencer pela lógica de que toda atividade humana tem que gerar lucros, a lógica da repressão, do braço armado é a face do ‘fazer democrático’ burguês... O quadro mostra que a Reitoria da PUC-SP não só não possui compromisso

CHEGA O REPÚDIO À INVASÃO

com a história e com a verdadeira democracia, mas denuncia que seus reais pactos são com o corporativismo e com os lucros que a 'educação' deve gerar". *Rubens Mascarenhas*

"Abaixo a repressão! Em defesa da democracia. Viva o movimento estudantil autônomo e democrático que combate o neoliberalismo e defende a universidade pública, gratuita e de qualidade socialmente referenciada". *Manoel Luís Martins da Cruz* – 1º Secretário regional RS do ANDES – SN.

"Nós, estudantes de Direito e membros do centro acadêmico de Direito da Unesp Campus Franca, manifestamos publicamente nosso repúdio à entrada da tropa de choque da Polícia Militar, na madrugada do dia 10 para o dia 11 de Novembro, no campus da PUC-SP. O uso da força, seja ela em qualquer circunstância, compromete ainda mais a construção de uma universidade de qualidade e a serviço de todos.

Admitirmos que policias invadam a universidade e expulsem estudantes coercitivamente legitimados por decisões judiciais e apoiados pela própria Reitoria nos remete há 30 anos atrás, quando ainda vivíamos num regime ditatorial, privados de todas as garantias previstas no atual Estado Democrático de Direito.

Ressaltamos ainda a alarmante e crescente repressão ao movimento estudantil nesse segundo semestre como resposta do governo às manifestações e ocupações das Universidades Públicas de todo o Brasil, que agora recai também sobre instituições particulares como a citada.

A atual gestão Levante do C.A. de Direito coloca-se contrária a todos esses acontecimentos e convida os estudantes da PUC-SP a compor as campanhas contra a repressão ao movimento estudantil". Gestão Levante - CADIr Unesp Franca.

"Nos solidarizamos aos estudantes, funcionários e professores da PUC, neste momento de consternação diante da inacreditável repressão, que trouxe para as "novas gerações" as "passagens desbotadas da memória"... Todo apoio ao movimento de resistência de professores e alunos da PUC." *Edmilson Costa* - Comitê Central do PCB

Givanildo Manoel da Silva – Coordenador do Fórum Estadual de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente.

Maria das Graças Ribeiro – Professora da Universidade de Viçosa.

Arlene Clemesha – Professora do Depto. De Letras – FFLCH – USP.

Soraya Smaili – Professora associada UNIFESP – Escopa Paulista de Medicina.

Asociación Latinoamericana de Enseñanza e Investigación em Trabajo Social – ALAEITS (sede no Brasil), através de sua presidenta, professora *Ana Elizabete Mota*, da UFPE.

Associação Brasileira de ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS), professora *Maria Maciel Abreu* (presidenta) – UFMA.

Professor *José Mariano Caccia Gouveia* – Geografia, FAFIL e FSA.

Professora Doutora *Terezinha Martins Santos* - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Maria Helena Tavares – PUC-RIO.

Vera Maria Ribeiro Nogueira – Secretária de Segurança Pública-SP.

Jussara Maria Rosa Mendes – Faculdade de Serviço Social da PUC-RS.

Professora Doutora *Maria Cristina Soares Paniago* – Univ. Federal de Alagoas.

Conlutas – SP.

Maria Rosa Tomé – Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, Portugal.

Centro Acadêmico Florestan Fernandes – Escola de Sociologia e Política de SP.

Núcleos pró-sindicato dos trabalhadores de educação – São Paulo.

Centro Acadêmico Lupe Cotrim – ECA-USP.

Vera Maria Ribeiro Nogueira - Universidades Católica de Pelotas e Federal de Santa Catarina.

Ivanete Boschetti - Docente da UnB.

Cleusa Santos - Professora Escola de Serviço Social UFRG e Vice-Presidente ABEPSS - Região Leste.

Ana Maria de Vasconcelos - Professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ.

Maria das Graças Osório P. Lustosa - Professora da UFF.

Fátima da Silva Grave Ortiz - Coordenadora de Estágio e Extensão da ESS/UFRJ.

A posição da Faculdade de Serviço Social

Os professores da Faculdade de Serviço Social em reunião aos 12/11/2007, vêm a público manifestar sua posição acerca da presença da Tropa de Choque da Polícia Militar na madrugada de 10/11/2007 na PUC-SP.

Reiteramos nosso absoluto repúdio a todo e qualquer uso de força como via de enfrentamento de conflitos políticos na Universidade.

Reiteramos a via do diálogo e da negociação como forma de consolidação da democracia e liberdade.

Defendemos:

- nenhuma punição;
- autonomia universitária e
- democracia e liberdade interna.

São Paulo, 13 de novembro de 2007.

Moção de apoio ao chefe do Departamento de Jornalismo professor Hamilton Octavio de Souza

Nós, professores do Departamento de Jornalismo, recebemos informações alarmantes sobre seguidos ataques e atitudes agressivas contra o professor Hamilton Octávio de Souza, chefe do Departamento, todos ocorridos ao longo da última semana. Entre tais atos, destacam-se:

- O veto à presença do professor Hamilton, na quinta-feira à noite, dia 09.11, quando uma comissão da Apropuc tentava intermediar o conflito entre a Reitoria e os alunos que ocupavam as suas salas. Membros da Reitoria declararam, naquela ocasião, que receberiam a comissão da Apropuc, desde que fosse excluída a presença do professor Hamilton. Consideramos tal atitude inaceitável e muito estranha, uma vez que ele é diretor eleito da Apropuc.

- Cartazes apócrifos foram espalhados pela Universidade, atribuindo ao professor Hamilton atitudes que ele jamais adotou. Além da covardia repulsiva inerente a tal tipo de procedimento, os cartazes contêm erros grosseiros de informação (ao afirmar, por exemplo, que o professor é presidente (sic) da Apropuc) e de português, revelando a mentalidade primária e tacanha de seus autores.

Diante de tais ataques, temos o dever de esclarecer que:

1. Todas as atitudes e posições manifestadas publicamente pelo professor Hamilton no que se refere ao quadro criado pela ocupação da Reitoria, tanto nos diferentes foros da Universidade quanto em entrevistas concedidas aos órgãos da mídia refletem decisões

assumidas pelo conjunto dos professores do Departamento de Jornalismo, deliberações coletivas e sempre respaldadas por ampla maioria.

2. Reiteramos: desde o início da ocupação da Reitoria, o nosso Departamento expressou por escrito e publicamente o seu desejo de uma solução política para o conflito, assim evitando o recurso a uma solução de força. Nada daquilo que o professor Hamilton declarou contraria o espírito e a letra de nossa decisão coletiva.

3. Mais do que isto, sabemos que o professor Hamilton buscou incansavelmente, desde o início da ocupação da Reitoria, estabelecer o diálogo em meio à conflagração e construir pontes que permitissem sua superação: todas as suas intervenções e falas foram neste sentido.

Por isso tudo, repudiamos os ataques e atitudes agressivas contra o professor Hamilton, tanto os já realizados quanto aqueles que, eventualmente, possam ocorrer no futuro. Declaramos ser nosso propósito contribuir para o esclarecimento dos fatos, incluindo, se necessário, a participação de representantes de nosso Departamento em uma audiência formal com representantes da Reitoria. Acreditamos, sinceramente, que, para o bem maior da Universidade, devemos evitar que desentendimentos políticos acabem desembocando em situações desnecessariamente deterioradas.

Assinam esta moção 23 dos 25 professores do Departamento de Jornalismo.

Assembléia pede a não punição aos estudantes

Numa reunião onde os nervos estavam à flor da pele, os funcionários administrativos discutiram a situação da universidade após a invasão policial.

A assembléia foi marcada inicialmente para analisar medidas para a inclusão dos funcionários no processo de redesenho, uma vez que nenhuma das propostas contempla o segmento. No entanto a avaliação dos fatos relativos à ação da Reitoria durante a ocupação tomou quase todo o tempo da reunião.

Uma funcionária mostrou a sua indignação pelo fato de seis representantes dos funcionários no Consun terem assinado um documento expressando sua concordância com uma possível ação policial. A funcionária Andréa de Mello, da Consultec, disse que assinava o documento em caráter pessoal e não como conselheira. A leitura do documento, porém, deixou claro que se tratava sim de uma posição dos conselheiros universitários.

Pior ainda foi a declaração da representante da Derdic que afirmou ter tomado conhecimento, por telefone, de um texto onde não estava explícita a recorrência à ação legal, que seria incluída mais tarde no documento.

Por tudo isto a assembléia resolveu aprovar uma moção de apoio às bandeiras levantadas pelos estudantes e de não punição ao movimento (veja texto ao lado). Alguns representantes do Consun presentes na assembléia declararam sua intenção de votar em um adiamento da data fatal de 12/12 para a votação das propostas.

Nesse sentido, os funcionários realizarão novas assembléias nos próximos dias para discutir o assunto. As propostas levantadas pelos funcionários circularão na internet.



MARCELA ROCHA

Funcionários discutem a situação da universidade

Moção de Repudio à Ação da Reitoria

Os funcionários reunidos em assembléia no dia 14/11/2007 vêm a público expressar o apoio aos princípios políticos que envolvem as reivindicações dos estudantes dessa casa, por entendermos que essa luta é de todos, uma vez que o redesenho institucional irá mexer com a sustentabilidade e a cultura democrática, comunitária e social dessa universidade, e que por entendermos ainda que armas, cacetetes e escudos não educam e sim revoltam, indignam e marginalizam as pessoas. Uma universidade que se diz pluralista, democrática, comunitária e social, que tem na direção uma cientista política e social, jamais poderia permitir um ato tão covarde, que fere a história de luta e resistência desta instituição contra o regime militar.

A PUC-SP através dos tempos vem se caracterizando como berço da resistência, formadora de vários líderes políticos. Nesse sentido é

uma vergonha que essa Reitoria não saiba tratar os movimentos dessa universidade, a não ser com a repressão.

Acreditamos que a ocupação da Reitoria feita no último dia 05/11/07 defende o direitos e o princípio de luta dessa universidade. Um recurso máximo forçado pela intransigência, soberba e, sobretudo, desrespeito a todos os segmentos dessa universidade.

É fato que, nesses três anos de gestão essa Reitoria vem desrespeitando a todos aqueles que contribuíram e contribuem para a história dessa universidade, com demissões, cancelamento de bolsas, perseguição a professores, alunos e funcionários que não aceitam suas arbitrariedades.

Pela não punição aos estudantes
Por nenhum aluno fora da PUC,
Pela liberdade de expressão,
Pela democracia e autonomia universitária.

Rola na rampa

Funcionários denunciam coação das chefias

Durante a assembleia dos funcionários foi informado que chefias acadêmicas estavam fazendo circular um abaixo-assinado em favor das posições assumidas pela Reitoria. O mais grave, porém, é que os funcionários estariam sendo coagidos a assinar o texto, sob as mais diversas ameaças, inclusive com recomendações de que pensassem bem em seus empregos antes de negarem-se a endossar o documento.

TIDD promove palestra sobre Educação e Cibercultura

No dia 27/11, o pós em Tecnologias da Inteligência e Design Digital realiza a palestra *Educação e Cibercultura* com o professor Marco Silva, da Universidade Estácio de Sá. A

palestra será no auditório do primeiro andar do campus Marquês de Paraguaçu. Outras informações podem ser obtidas pelo endereço tidd@pucsp.br ou pelo telefone 31247216.

Exposição busca mostrar a relevância do futebol no cotidiano

Está exposta no saguão da biblioteca a mostra *Futebol e arte*, que tem como objetivo mostrar alguns segmentos artísticos e acadêmicos relacionados ao futebol com a finalidade de resgatar sua importância no meio intelectual. O visitante poderá observar na exposição livros, revistas, álbuns, almanaques, enciclopédias, jornais, filmes e camisas de clubes, novas e antigas, de várias partes do mundo. Um dos destaques é a camisa do título da Taça Liberta-

dores de 2005, conquistada pelo São Paulo F.C., autografada por todo o elenco campeão. Quem for prestigiar a exposição encontrará ainda curiosidades que deixam claro como a paixão provocada pelo futebol se reflete no dia-a-dia da sociedade moderna. Copos, canecas, chaveiros, garrafas de vinho, bonés, bandeiras, faixas, quadros e até mesmo um jogo de baralho são alguns exemplos disso. A iniciativa conta com o apoio da Videoteca da PUC-SP.

APG contesta carta da Reitoria

A Associação de Pós-Graduandos da PUC-SP, APG, enviou carta protestando contra o documento da Reitoria dirigido aos estudantes. Segundo a associação, ao contrário do que diz o texto a participação do representante da entidade não foi aceita pela Comis-

são de Redesenho, Cori. Da mesma forma, não foram aceitas pela Cori as propostas que alteravam a representação discente nas propostas. Para os pós-graduandos, o redesenho, que é uma imposição do Ministério Público, vai levar à demissão de funcionários.

Simpósio debate possibilidades de inclusão através da educação

No próximo sábado, dia 24/11, ocorrerá o 1º SIAC (*Simpósio de Ação Cidadã*), organizado pelos grupos de pesquisa Linguagem, Colaboração e Criticidade (LCC) e Linguagem, Criatividade e Multiplicidade (LCM), do Núcleo Linguagem em Atividades do Contexto Escolar (LACE). Os principais temas debatidos serão: Educação Infantil; Leitura e Escrita nas Diferentes Áreas; Formação Crítica

de Educadores: Foco no Professor, Coordenador, Diretor, Estudantes; Formação Crítica de Educadores Prê-Serviço; Educação Inclusiva; Educação para reduzir as desigualdades sociais; Educação Bilingüe. Os simpósios ocorrerão ao longo de toda a programação, que conta ainda com mesa de abertura, palestra com a professora Maria Teresa Freitas, e um encerramento festivo.

Semiótica realiza ciclo de atividades

O Programa de estudos pós-graduados em Comunicação e Semiótica realiza entre os dias 26/11 e 12/12 diversas atividades enfocando temas da área. No dia 26/11, o professor Eric Landowski fará uma conferência sobre *Semiótica e Estudos da Identidade*. Nos dias 27/11, 4 e 11/12, Landowski também ministrará o mini-curso

Semiótica e Gramática Narrativa: a outra face da narrativa. E nos dias 10, 11 e 12/12 será realizado o XIII Colóquio do Centro de Pesquisas Sociosemióticas. Todas as atividades acontecerão no prédio da Cogea. Mais informações podem ser obtidas pelo endereço http://www.pucsp.br/pos/cos/eventos/cpsEric_1212.php